



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX — N.º 483 — Preço 1\$00
15 DE SETEMBRO DE 1962

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA: DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

TRIBUNA de Coimbra

Tinha acabado de chegar da nossa província tão portuguesa de Angola. Por aquela imensidão que Deus tão pròdigamente confiou à acção civilizadora e cristã dos Portugueses de há quinhentos anos nós encontramos pègadas bem marcadas da nossa vida nacional. Algumas dessas pègadas estão agora apagadas, por efeito da acção destruidora do homem que não acredita numa civilização que tem de ser impregnada de justiça e amor, cuja consequência é a paz.

Quando o homem se deixa vencer simplesmente pelos seus próprios interesses, cava a sua própria ruína, cria um ambiente perigoso e destrói a alma dos seus antepassados.

Tinha acabado de chegar, depois de um mês de ausência e ia a sair da nossa casa de Coimbra. Era ao fim do dia. Vejo aproximar-se um casal com os filhinhos mais novos. Somos já conhecidos de há muito. Vinham perguntar-me se eu já tinha uma casinha para eles.

Têm onze filhos vivos. Ele há anos que gastou os pulmões e há cinco meses que não trabalha. Recebem cem escudos semanais do seguro. Vivem (ou morrem) numa pobre barraca de que têm de pagar renda.

Olhei-os com amargura. Pedi-lhes que peçam ao Senhor com confiança. Depuz nas suas mãos alguma coisa para a ceia daquela noite e despedimo-nos.

A caminho da Baixa parecia-me que as pedras dos passeios por onde eu descia e eles haviam subido estavam tintas de sangue e escorriam gotas de suor e me segredavam que momentos antes tinham sido pisadas e abençoadas por dois heróis, ele com os pulmões desfeitos e sem ter com que se tratar e ela carregada com doze pessoas, sem casa e com cem escudos semanais para se governar. E as pedras diziam-me ainda que naquela mesma hora muita gente por essas praias e termas gastava dinheiro sem conta, inconsciente da sorte de irmãos aflitos.

Entrei em Santa Cruz, onde o Senhor do Amor, da Justiça e da Paz se estava a oferecer no Altar. Recomendei-Lhe aqueles meus irmãos em quem Ele vive crucificado e recomendei-Lhe também todos aqueles que O não conhecem ou fingem não O conhecer.

Padre Horácio

Aqui, LISBOA

Nesta lida dos Pobres não é tanto a insuficiência deles que atormenta. Muito mais o seu declínio. Gente fidalga, cuja vida e corpos, hoje são farrapos; gente de dinheiro, cujo único sustento é a esmola trazida a casa; homens possantes, que hoje não têm forças para andar. Se a pobreza pode ser um bem saudável como virtude, como condição social é mal terrível. Da pobreza à miséria é um passo. E a miséria não é um termo, mas um caminho — o da degradação e corrupção da espécie. Tenho visto muitas mães sem feições de mulheres; muitas crianças com aspecto de velhos. Rostos e corpos enxutos de carnes, enrugados de pele, minados da doença. Em quantos, estranhos olhares animalescos e dementados!

Ora dado o incremento, imposto pela sociedade moderna, das condições de subvívencia dos pais, os filhos destes o que serão amanhã? A corrupção da espécie está latente nos bairros superlotados, nos casarões velhos e nas barracas imundas onde se acolhe um mundo de gente. A degradação está a processar-se lenta mas visivelmente e passa de pais a filhos. Quando se olhar o problema da miséria com calor humano (Amor cristão já a nossa sociedade o rejeitou) teremos de recolher os braços por incapaci-

dade. Na sua recuperação teremos de domesticar o homem novamente!

Ele há o gosto pela última palavra em modelos de estábulos para animais; ele a técnica apurada de alimentação científica. Há a assistência médica mais desenvolvida para atenuar as falhas na vivência e apuramento de raças. Cultiva-se o mais belo, o mais possante e o de maior rendimento económico. Para um miserável a técnica alimentar, os recursos à medicina, a promoção social são letra morta. Coisas até desconhecidas e inatingíveis por ele. Tudo o que digo pode parecer congeminção obtusa a quem só conhece o mundo pela fachada. Tudo isto é verdade crua, quando subo as veredas, desço às barracas, onde a fachada caiu, o fantoche passou e o mundo agoniza.

Um caso. Não é de Lisboa, mas aqui da porta. Uma casa velha, e um velho. A casa caiu aos bocados; o homem decaiu também. Caiu o telhado, abateram as paredes. O homem ficou demente e as pernas já não aguentam o corpo. Uma ruína à sombra doutra. Calça e cacos cobrem o chão, onde penetra o sol ou cai a chuva. Trepadeiras agarradas aqui e ali, substituem as paredes derubadas. Ali um homem nas-

ceu, cresceu e agoniza lentamente. Uma ruína à sombra doutra. Outrora o mais valente

Continua na página DOIS



...E até os Pobres são mais POBRES.



Ao fundo a CIDADE, no primeiro plano outra cidade. Lisboa, a Capital, também o é nas barracas.

FACETAS DE UMA VIDA

A Casa do Eduardo

Continuamos rebuscando notas em velha correspondência de Família.

Carta, datada do Bairro, 31 de Maio de 1906, dirigida pelo Pai ao P.e José, dá conta da morte de um Tio e das trapalhadas por causa da sua herança, «para que ve-

jas quanto a excentricidade humana tem inventado até hoje em matéria de testamentos».

Não é a primeira vez que encontramos alusões a complicações testamentárias nesta correspondência. Quem sabe se não poderemos filiar nestes pleitos familiares aquela repugnância natural por bens de mão morta, que mais tarde, por motivos sobrenaturais, Pai Américo havia de repudiar em definitivo, ao deixar-nos esse repúdio em testamento espiritual...!

TEARES

É de tarde. Está muito calor. Ali as videiras e aqui os jardins estão murchos. A sombra daqueles frondosos plátanos, entre a Casa 2 e Casa 3, estão os teares. Estão lá o Domingos e o Chico. Trabalham, muito contentes, no que é seu:

— Vês, isto aqui não é como a Tipografia. Aqui trabalha-se...

— Olha para esta sarja. Não há ninguém que a fabrique melhor do que nós. É do Gaiato...

— Podes puxar, é forte, resistente, dura uma vida inteira. Podes dizer no jornal que todas as pessoas que queiram comprar o podem fazer. Nós queremos dar lucro e ver sempre os teares a andar...

Andamos em direcção à porta e vimos um anúncio:

«AQUI VENDE-SE PANO AOS MAIS BAIXOS PREÇOS»

A letra está mal desenhada e tem mesmo dois erros de palmatória mas os senhores podem estar descansados, porque o pano não é como a letra. É bom de verdade. Nós queremos ver os nossos teares sempre a trabalhar. E, para que haja melhor pano, é bom que os Senhores façam as encomendas.

O Domingos tem gosto pelo officio. Tem tudo arranjadinho. É jeitoso e tem contribuído, desta sorte, para o progresso da nossa aldeia. E não quer retroceder.

daniel

AQUI LISBOA

Vem da página U M

da terra; hoje passa o dia sentado no chão, junto da parede que há muito ruíu, onde come o que lhe levam. Se ao menos, soubesse levantar os olhos para a Misericórdia de Deus e dizer num lamento: — «Eu sou um verme e não um homem, a vergonha do género humano e o rebutalho do povo»!... (Salmo 21).

Oxalá saibamos a tempo ouvir o lamento que não chega a ser dito e fazer pelos miseráveis o que é imperioso à nossa consciência de cristãos.

Padre José Maria



A Senhora Rita de Antelagar

Nesta mesma carta há uma pequena alusão ao jovem Américo: «...em Outubro vai ver terras d'África».

Em 6 de Julho do mesmo ano nova carta para o P.e José. Desta vez é da Rita, a velha criada, de um tipo patriarcal, que, se ainda existe, é digno de museu.

«Josézinho

(...) Se eu soubesse escrever que não fôsse preciso incomodar ninguém, havia de ser mimoso de cartas. Mas como não sei, vae só uma de quando em quando, não sendo eu culpada. (...) Como encontrei o Américo de geito aproveitei a ocasião».

E a carta segue, em caligrafia ainda de adolescente e numa prosa muito espontânea, muito saborosa, onde se nota a fidelidade do escrivão à voz da velha Rita que ditava.

E eu fico a rever quadro semelhante, meio século mais tarde. Agora era ao invés. O pequeno Américo de então, tornado Pai de muitos filhos, chamava um deles e ditava-lhe. E preferia um que não escrevesse muito bem, que soubesse esperar pelo ditado. Júlio, Bonifácio, ou outro da mesma sorte, não lhe serviam — que acabavam depressa demais a sua escrita e atropelavam-lhe o pensamento com um impaciente: «e que mais?»

Em 15 de Julho de 1906 o Pai voltava a escrever ao P.e José, agora de Arouca. A carta não tem novidades de maior. Apenas confirma a próxima partida do Américo. No entanto, não resisto a deixar, nesta recolha de lembranças antigas, dois pequeninos trechos, cheios de beleza e graciosidade:

Ele não é daqui. Apareceu-me a dizer que tinha mulher e dois filhos e todos viviam sem telha que os agasalhasse. Fui ver e era verdade. O senhorio despediu-os e agora pernoitavam debaixo do alpendre da escola, mas nem ali podiam continuar. Falou em construir uma casa e começámos a estudar como conseguir isso. Quanto tem para começar? — Nada, foi resposta.

Sabe trabalhar em cestos e tem encomendas, mas faltava-lhe dinheiro para comprar a madeira própria. E onde trabalhar? Onde há-de ser a oficina?

Alguém ofereceu-lhe o terreno e riscou-se no chão o tamanho da casa a construir. Isto foi fácil. Com a mesma facilidade tomou logo posse do local. Para ali trouxe com igual facilidade tudo o que tinha pois era bem pouco. Tornei lá e vi estendido sobre a terra um cobertor fino que era a cama dos quatro e nada mais. Há dois ou três meses que vivem assim: no meio duma leira, uma manta no chão, talvez outra por cima e pronto — e desta forma imaginam-se dentro duma casa. Perguntei-lhe como fariá se chovesse. Disse-me que há tempos tinha chovido de noite e que pedira um guarda chuva para a mulher que tinha ao colo o filhinho mais novo e que ele e o mais velho se abraçaram e se cobriram com um lençol e assim equipados receberam toda a água.

Um dia, depois duma cura milagrosa, perguntaram ao Divino Mestre de quem seria a culpa daquele mal. Hoje, igualmente nos apetece perguntar se o Eduardo não terá motivado as circunstâncias em que se encontra. Seja como for, o Evangelho diz que o milagre se deu e nós não vemos outro caminho senão darmos as mãos e cooperarmos para aquela família ficar abrigada. Que ninguém pergunte a quem pertence a obrigação. Que desta vez não passe adiante nem o sacerdote... nem o levita... mas todos olhemos para aquele que é nosso próximo e precisa de nós. A casa já começou a subir e cada tejo anda à volta de 2\$00. Se a casa ficar com sete metros por seis, é fácil saber quantos são precisos. Para a telha já tem o dinheiro preciso.

(in «A Sombra de S. Domingos»)

«P.e José

Tal qual o filho pródigo do Evangelho, voltou à casa paterna a carta que em Janeiro passado te escrevi. Não dissipou, como aquele, o património que levou consigo, por isso não carece, como o outro, do agasalho e carinho paternal. Portanto, rua! volte para onde andou (...)

Toda a família, exceptuando os tios de Várzea, que vão paleando e sempre gemendo, está ótima e de boa saúde. Américo vae em Outubro para o Chinde. Deus permita seja mais feliz que o Zeferino o foi.

Quando virás ver-nos antes que eu tenha frio o céu da bocca?

Teu pae

Ramiro»

Não é uma parábola. É uma história verdadeira que serve de parábola a milhares de outras histórias verdadeiras por esse mundo além.

A casa do Eduardo... Quantas casas de quantos Eduardos esperam por nós, os que temos casa e casas, e às vezes mais que duas e três, e em cada uma quartos e salas... e salões!... Quantos!...

Quantos Eduardos têm o seu sonho (e a sua urgência!) encarcerado dentro de uma carta, que se põe a outra e outra e faz montanha sobre a minha secretária?...

Quantos e quantos que vão consumindo a sua paciência até ao desespero, enquanto se não cumprem outros planos que sempre vão tendo prioridade sobre o seu: uma casa para a sua família — para que a Família se não perca, para que seja realmente Família, para que seja célula saudável, alfobre

de outras células saudáveis, a fundamentar e a prometer saúde ao grande Corpo Social que as Famílias integram e se chama Nação!...

Quantos que têm sangue, suor e audácia prontos a receber um pouco de fraternidade — e são, assim, capazes de levantar uma casa, a SUA CASA, que não terá salas nem salões, nem fachada «pra inglês ver», mas os quartos precisos e um sanitário e os arrumos e uma cosinha onde se faz e come o caldo e **SE CONSTROI a Família em redor do lar!**

Tudo tão simples, tão eficiente, tão verdadeiro: Fazer homens, fazer Famílias, que se reproduzem em mais homens, com um capital menos das algebras do que das inteligências e dos corações!

Tão simples, tão eficiente, tão verdadeiro!... Será por isso que os homens ainda não repararam, nem compreenderam?

RETIROS

Os rapazes do Centro fizeram-no, como é costume, no Santuário da Senhora da Piedade. Os do Sul ainda não. Os do Norte voltámos a Singeverga, aonde faltávamos há dois anos.

Não é obrigatório ir a Retiro. Mas é obrigatório cumprir seriamente para aqueles que quiseram ir. Tem sido assim. Quanto soubermos e pudermos, será, cada vez mais, assim. O Retiro é apuramento de seriedade. Já é preciso ser sério, ao menos em desejo, para querer ir ao Retiro. Quem durante ele não revelou este propósito é que se enganou, ou quis enganar. Esse não aproveitará nada. Aos outros desaproveitará muito a sua presença.

Os frutos do Retiro ver-se-ão depois. Não logo, mas depois. Logo... pode ser fervura. Depois... é que será fervor.

Nós queremos muito ao nosso Retiro anual e temos a dizer muito bem dele. Não importa que não possamos afirmar que são muitos os que ali tiveram o seu arranque. Um que fôsse... e valeria a pena! Mas são vários, por graça de Deus. Uns têm encetado a primeira «etapa» para uma vida mais séria, depois daquela prévia nostalgia de realizarem a sua personalidade fora dos valores levianos em que estiveram presos até então. Outros têm dado um passo em frente e acima. E não é menos importante a perseverança dos justos que a conversão dos pecadores!

Venho feliz dos dois turnos em que participei. Correram bem, mas não quero iludir-me sobre a generalidade do aproveitamento. Ele há-de revelar-se ao longo do ano na maior caridade que cada um dos retirantes puser na sua vida de relação com o próximo. E como a carne é fraca... nem que o espírito esteja pronto... esse mesmo retirante terá que alimentar a sua debilidade no Cristo-

Pão para melhor compreender a presença real de Cristo no próximo e permanecer eficaz, praticamente, na atitude-consequência dessa compreensão.

Esse com certeza que terá aprendido, ou aprendido mais profundamente, a estinar a Graça de Deus — e guardá-la com todas as suas forças mais as d'Ele.

Porém, há outra razão em que eu fundo as minhas esperanças sobre este Retiro. É que foram muitos a rezar pelo seu êxito. Foi o cofre da Comunhão dos Santos ao nosso dispor durante aqueles dias.

E entre todas as comunicações recebidas houve uma, tão saborosa ao meu coração, que não resisti a rezá-la em acção de graças ao Jesus do Sacrário. Ei-la:

Esta carta que escrevo é para todos os nossos, para eu marear, ao menos, a presença, uma vez que não posso estar pessoalmente.

Mas não julgueis que eu não sinto, que não estou presente espiritualmente. Não, eu disse. Ao Sr. Padre Carlos quando aí estive e assim aconteceu.

Oportunidades como estas são poucas. São os momentos mais longos que nos unimos a Cristo, que confraternizamos mais com Ele, que estamos mais em Graça.

Uma pessoa depois de habituada a frequentar o retiro, e uma vez que não pode, como-se.

É uma vez por ano que fazemos a nossa rodagem. Sendo bem feita...

São momentos de aperfeiçoamento para quem quer ser filho de Alguém que é Grande: O Cristo.

Uma pessoa é obrigada a sentir-se e por isso que remédio tem senão desabafar; é derrotada pelo seu silêncio.

Rapazes obreiros que estais

Os doentes ficam tão contentes quando sabem que são estimados por ti! Quando verificam que os amas por meio daquilo que lhes mandas! E tu não vais ficar menos radiante ao conheceres que deste alegria ao teu próximo!

Repara bem que vais por certo aqui neste correr da pena.

Casal amigo, de Coimbra, envia 300\$ mais a sua acção de graças por não ser aleijado, nem farrapo humano.

Viúva d'África com 20\$. Doente para doentes com outro tanto muito habitual. Maria Adelaide de Lourenço Marques com dez vezes mais. Pecadora assinante com 40\$, que vem dando vai em cinco anos para apagar os seus pecados. Doadora de sangue, da Foz, com 20\$. Jorge e Berta com 70\$. M. Fernanda com 50\$.

Julietta com cem por alma do marido. Engrácia com metade. Raul com 20\$. Anónima da R. das Papoilas com 50\$. Ana com o dobro. M. Fernanda, do Porto, com cem. José, de Algés, com 500\$. M. C. com as últimas prestações da promessa que fez. S. A. J. com cem. Amiga da Palhaça com 250\$. Maria do Sul, com o pai hemiplégico, manda 100\$ para os que com ele se encontram. Que seria do mundo se não fora a comunhão dos Santos! É ela que o sustenta. Outra Ana com 50\$00. Mais «Eu sou Pobre mas prometi mandar 50\$00 logo que pudesse». Grande devoto com a terceira migalha de cem. Portuense qualquer com 20\$, Emília, de Lisboa, tão amiga dos doentes, com 500\$. Amélia da capital com 30\$. Humilde portuense com cem. Luíza, de L. Marques, com mil. É outra apaixonada de há muito. Senhores de Baião com 200\$. Mais outro «eu e minha mulher, de Lisboa, com 200\$». J. S. vem com cem.

Promessas são cumpridas. Esta é de cem. Estoutra, do Alandroal, é de 500\$. Mais outra de Lisboa de 200\$. Aos 16 meses do neto torna o avô com 50\$. Este vem com 20\$ pelo bom êxito da operação. Mais alguém à memória de Francelina com 20\$. Por alma de Maria, 500\$.

Os assinantes também se apresentam. Muitos vêm com excedentes ao pagamento da assinatura. Este com 50\$. Aquele com 20\$. Outro com cem.

Muitos são anónimos. Conhecemos apenas a proveniência da localidade. De Vila Real de Santo António 225\$. De Águas Santas 50\$. De Lisboa o dobro. Da Murtosa 50\$. De Braga cem. De Chaves outro tanto. De Coimbra metade. Do Porto 50\$, «por alma de meu filho». De Coimbra um velho amigo manda cem. De Rebordosa outro tanto. De Espinho 50\$.

No Espelho da Moda deixaram um embrulho e donativos diversos no montante de 2.610\$, até fins de Maio. A porta do Monumental em Lisboa entregaram-nos 500\$ e mais 1.000\$. E ainda o aumento de ordenado, 300\$. A capital marca ainda com mais cem. A queima das fitas foi dividida com o Calvário, recebendo nós doze contos. Bem haja quem teve a feliz ideia de repartir.

Excursão de Gondomar deixou carinhos e 250\$. Excursão das alunas do Liceu Rainha Santa Isabel entregou 1.100\$.

Ainda aqui está uma migalha de José Manuel. Outras tão certinhas da Caixa-Geral de Depósitos de Braga. Mais um colchão do Porto. E que macio ele é!... Também temos aqui a segunda prestação de dez que não de vir. «Oferta» torna com uma das muitas. Visitantes vão deixando o seu óbulo. Outros mandam-no «para os meus irmãos doentes». Senhora amiga e velha conhecida envia pequena lembrança para minorar os sofrimentos dos doentes. Alguém vem trazer aqui mais 200\$ para lembrar dois casais que foram felizes.

Os peditórios que fizemos em Coimbra somaram 9.000\$ nas duas Sés, e 6.500\$ em S. José.

Tu, que te deste, sabes melhor do que ninguém o que os números representam. Ama e viverás.

af, aperfeiçoai-vos, ajudai o nosso Pai Américo e os mais pequenos. Se assim fosse...

Mais nada, o tempo é pouco, e não se esqueçam de se acolherem ao menos nesse curto espaço de tempo em que Deus vos deu e meditarem nos bons e maus períodos da nossa Obra para ser cada vez melhor.

Não se esqueçam também de rezar uma Avé-Maria por mim

e por todos os nossos. São dois anos sem vos ver. Nem para rever deus tempo. Um abraço.

É um filho nosso forçado ausente pelo serviço da Pátria. Nesta carta, nesta prece de comunhão, não é tanto a sua inteligência que fala. É a palavra da Escritura que se cumpre: «Pela boca das crianças, dos simples, diz Deus a Verdade».

Cantinho DOS RAPAZES

Esta carta não me pertence, meus filhos. Foi-me dirigida, mas é património que eu vos devo e de que dou contas.

Não quero complicar com palavras minhas a eloquência linear deste testemunho. Apenas quero dizer-vos que se trata de um rapaz inteligente, decerto um pouco acima do comum, e de um coração de boa capacidade. E apesar da sua inteligência, viu errado. Quis ver por si mesmo; julgou realizar-se, repudiando as certezas a que a experiência dos outros conduzira; preferiu construir o seu mundo desde a base — e acabou por seguir caminho oposto àquele que desde o princípio desejou. Encheu o seu coração, sim, mas de ilusões que se desfizeram num instante, como o mais belo fogo de artifício depressa não é mais que trevas e que cinza.

«Pensei tanto, planeei

tanto, dispus-me a tanto e confiei tanto em mim, que agora tudo se me esgotou. Tenho medo de continuar vazio. É a única coisa de que tenho medo...»

Bendito medo! Salvadora sensação, às vezes, a do vazio! Que Deus vo-la dê, a todos, que sofreis a tentação de «poder traçar sôzinhos o caminho de uma vida e de uma alma».

E agora tomai a vossa carta:

Digo sim senhor. Digo que talvez nunca na vida me tivessem feito um convite que viesse tão de encontro aos meus desejos e necessidades.

O convite é velho e a necessidade da mesma idade. Mas só agora ouço o convite, sinto a necessidade e tenho vontade.

A primeiros de Outubro parto para Moçambique. Estou em exercícios de combate e de

maneira alguma me darei licença que vá além do fim de semana. Apenas terei cinco dias nas vésperas da partida e que conto sejam nos últimos dez de Setembro.

Seja isto certo, e vá eu a tempo, irei com muita alegria porque tenho fé nesse duelo. Tenho fé que daí encetaria o regresso ao sítio de onde sou.

Tenho medo de continuar vazio.

É a única coisa de que tenho medo, porque às vezes quase caio no desespero. — Às vezes sinto como que um raio de sol a aquecer-me, e então sinto-me feliz, mas fico quieto e o sol gira, ou giro eu, e fico outra vez frio e vazio e descontente.

Pensei tanto, planei tanto, dispus-me a tanto e confiei tanto em mim, que agora tudo se me esgotou. Já não penso, não planeio e sobretudo não confio em mim.

A culpa é minha. Só

minha. Fui parvo pensar que poderia não traçar o caminho de uma vida e de alma. Resultado: a fracura, perdida não sei bem o que barreira, porque, disse, já não penso desejo encontrar-me car completo na condição e ter forças dentro como tenho músculos.

Eu festejei a Sua ta da maneira mais tranha que me pod acontecer, mas quase reparei o que fiz. pensei que alguém lembrou de mim du te um retiro; pensei missa, pensei nas ções e pensei Nele e vi que tudo isso dava alegria.

Depois fui pelo to dentro, cantei, rez chorei: Regressei, f cantina e bebi uma veja. Tudo a feste Talvez tudo fosse pa mas foi assim.

Mesmo que não vá agradeço do fundo coração toda esta gria que hoje senti.

Quando estiver a fa com ELE não esque Uma «cunha» por m Muito obrigado.

agora

Há meses já que perdera o contacto com tantas letras conhecidas, que não me revelam os rostos dos que a subscrevem, mas dão retratos de almas. Tinha saudades. Preparemo-nos, pois, para nos revermos, que a Procição vai voltar à rua.

Um bilhete do Tojal diz que ali, ou no Montepio, «um pecador» deixou 1.200\$, uma Helena 100\$ e uma Maria Luísa 25 contos.

E agora mais três casas por inteiro: uma de 12 contos — «Casa da Mãe Elisa», outra de 13 — «Casa aos nossos Filhos»; e a 5.ª casa das alunas do Liceu Rainha S.ta Isabel do Porto. Um bravo a estas raparigas. Um obrigado bem sentido à apaixonada perseverança das suas Reitoras e Professoras.

Em seguida passam as casas para que vários concorrem. E temos: «Casa de N. Senhora das Candeias», com três achegas que totalizam 300\$, afinal sempre da mesma devota. E mais 100\$ para a «Casa de N.ª S.ª do Carmo» e «Deus sabe que não são fruto de nenhum sacrifício, mas sim dum acto de justiça para com o propósito começado há já alguns anos». Outros 100\$ para a mesma Casa, «a lembrar o dia 16 de Julho de 1956, testemunhando, deste modo, a minha gratidão a Pai Américo».

Dobram a esquina e começamos a ver os Pessoais: São eles, o do Grémio de Pani-

ficação do Porto com três presenças de 187\$50 + 180\$ + 187\$50. E o da Hica com outras três presenças de 2.032\$40 + 2.322\$40 + 4.997\$30. E como, desde a última saída, fechou um semestre, aí vem nesta a representação da Empresa com 11.839\$, tanto quanto o seu Pessoal juntou de Janeiro a Junho do corrente ano.

Temos ainda neste grupo a simpática presença da «Comissão angariadora do Pessoal do Banco de Portugal», com 1.500\$, «a subscrição (totalizando 15.500\$) para uma 2.ª casa dos Funcionários do Banco de Portugal».

Que lindo seria se nos outros Bancos e grandes Empresas houvesse quem tomasse a iniciativa e a conduzisse com a perseverança com que estes Pessoais aqui comparecem!

Vamos aos avulsos. Eu creio que já tenho explicado a razão deste nome, que ninguém tome por menos consideração. Neles incluo eu, os em cujo aparecimento ainda não achei nenhuma periodicidade de modo a poder agrupá-los, sob os outros pendões.

Mas logo o primeiro que surge é pessoa conhecida de mais vezes: Senhora inglesa que «em sinal de minha gratidão» manda 4 contos. Depois é um bilhete com tantas verbas de 100\$ quantas as espécies de obras que a Obra da Rua encerra, rematado por esta palavra:

«obrigada». Metade de um f quantador do Café Leão d'ro, do Porto, 200 «para fechar os anos de meu Marido e lho». Um casal de Luanda v até nós e deixou 4.400\$.

Mais «uma família vossa a ga», de Lisboa, com 200\$. Rua Moraes Soares em Lish 500\$, em lembrança do dia de Julho e este desabafo ar go: «Como eu gostava de est junto de vós na Capela onde seus restos mortais repous e assistir convosco à Santa M sa oferecida pelo seu eter descânso. Estou, no entan em espírito». Quantos e qua tos, louvado seja Deus, ass estiveram aquele dia!

«Eu e meu Marido enviam estes 50\$ para comemorar bodas de prata de casados Trezentos da Rua João das F gras e «que Deus me ajude construir também uma casin e a criar uma filhinha de t mês ainda». Quinhentos da R Jau, «dinheiro de várias em las que me dão, tal como aconteceu em 8 de Janei passado. E 20\$ de E. F.. E m «para cumprir um voto já b tante antigo (...), em honra Sagrado Coração de Jesus».

E pronto. Pelo comprimen

Continua na página QUATRO



★ BELEM ★

Os nossos projectos sobre exposição de trabalhos confeccionados pelas belenitas, a favor da Casa Nova, vão ser uma realidade, aqui em Viseu, já no corrente mês de Setembro. Eu estou a escrever no primeiro dos meses, mas, quando estas linhas chegarem à mão dos prezados leitores, isto é, daqui a 15 dias, já a exposição dos ditos terá sido.

A Casa de Modas «Delfim Correia», situada mesmo no coração da cidade, à rua Formosa, pôs à disposição de «Belém» uma das suas montras. Ai exporemos os nossos trabalhos, sempre que os tivermos.

Para já, temos vários jogos de naperons, para sala de jantar, quarto, etc.: uns executados em tecido rústico, com pontos modernos; outros em ponto alinhado; um de bom linho branco, bordado a cheio; também de crochet e dos de 5 agulhas; duas toalhinhas de chá; jogos de mesa do tipo americano, com naperons individuais; vários panos de guardanapos.

Enfim, é ver para crer. Mas lembramos às boas apreciadoras deste género de trabalhos femininos que tenham sempre presente a idade das suas autoras (8 aos 12 anos), para saberem dar o devido desconto a alguma imperfeição que por lá encontrem. E depois sempre estimariamos saber a opinião das nossas Amigas sobre a perfeição dos ditos.

Sobretudo para as muitas pessoas de fora que virão até esta cidade, por altura da Feira Franca de S. Mateus, voltamos a explicar que a Casa «Delfim Correia» fica na rua Formosa e que

AGORA

Continuação da página TRÊS da coluna que já desfilou, mais uma vez não sairá no mesmo dia o pendão das Casas a prestações. Vamos então fechar com outro muito próximo deste e também bastante numeroso: **Os de todos os meses.** Mariazinha e Artur com 50\$. José Henrique com 3x20\$. A Maria, de Lisboa, com 300\$ de Maio a Julho. Duas vezes «1 Avé Maria pela conversão de um chefe de família». E 20\$ da Guarda. E o Alberto do «plano deca», três vezes. E a Maria, do Pequeno Louvre, duas. Outras tantas «Um assinante de «O Gaiato», que ficou na 32.ª prestação. E o do «tchau a menos durante o mês findo», que além do seu sacrifício e da sua perseverança, termina sempre cheio de delicadeza: «muito atenciosamente». Mais três prestações daquele Engenheiro da R. Maria Andrade em Lisboa. E o assinante 6790, que apareceu uma data de vezes e ficou na 103.ª prestação de 50\$.

E até à quinzena, se Deus quiser.

esta rua é a que liga o Rossio com o Largo de Santa Cristina. A nossa montra fica na esquina que dá para a rua dos Combatentes.

Passemos agora à nota de prestações do mês de Agosto.

Informo Helena, de Lisboa, de que temos recebido todos os vales respeitantes à renda da casa. Mas era preferível que deixasse de os enviar anónimos para seu sossego.

Além do que foi acusado na nota anterior, em Julho recebemos ainda várias encomendas com roupas e linhas de bordar. E também géneros alimentícios e hortaliças de algumas quintas próximas.

O Padrinho da Laidita enviou 100 e uma linda medalha para ela. Duas encomendas com roupas, uma de Fronteira e outra da Costa do Sol.

Glória, de Coimbra, enviou 20 pelo bom resultado do exame da sua filha. Outro tanto pela mesma razão. Dois vales de 50 de Maria Manuela, Beatriz, de Coimbra, voltou com 50.

A ass. n.º 32475 enviou vale de 400: «E gruto duma renúncia com a qual só me conformei depois de tomar a decisão de enviar para lá que ia gastar».

Pessoas que nos visitaram entregaram três vezes 100. A Família do Porto que todos os anos nos visita entregou 50 e bolachas. O Pai da Gracinda, voltou com 50 e saborosas uvas.

Por intermédio da Casa Pinto, a representante do Casal R. D. entregou 50, pelos atos do Marido, como já é de tradição.

E, para terminar, esta carta de um Major, a férias no Hotel da Bela Vista, em Caldelas.

«Em vale do correio enviei a importância de 500\$ para ajuda da aquisição da nova casa para as suas Meninas. Foi o resultado duma brincadeira que arranjei para os Hospedes do Hotel, no mês de Agosto findo. Creia que desejo muitas boas ajudas para o completo pagamento da Casa Nova e para a vida futura de tão cristã obra».

Como todos vemos, também gozando umas merecidas férias e mesmo a brincar, sem nos tornarmos enfadonhos, podemos «fazer chegar a água ao nosso moinho» — neste caso a «Belém». Se houvesse muitos veraneantes como este, que soube tirar partido do contacto com novas terras e novas gentes, eu já não teria que informar de que... o que nos valeu foi este vale de 500, chegado no 1.º de Setembro, para acabarmos de pagar as despesas do mês e que... durante o mês de Agosto para a compra da Casa Nova.

Inês — Belém — Viseu

VISADO PELA

Comissão de Censura

MIRANDA DO CORVO

EXAMES — Este ano lectivo não correu muito bem. Dos estudantes liceais todos obtiveram bons resultados. Dos

se encontram prontos. Mas, (lá temos nós o terrível *mas*) agora mais do que nunca precisamos da generosidade dos nossos leitores. O mobiliário para a Casa acarreta muitas e elevadas despe-

PELAS CASAS DO GAIATO



da Escola Comercial, dois dispensaram mas outros dois ficaram mancos.

O Carlos Alberto esteve em Lisboa a tirar o curso de professor de atrasados mentais. Terminou com 15 valores. Parabéns Carlos Alberto. A nota revela a tua capacidade e o teu esforço. Parabéns!

AGRICULTURA — Como não sou agricultor pelo menos durante o ano lectivo, poucos esclarecimentos vos posso dar sobre este assunto. Mas como agora estou em férias e o meu trabalho é quase todo feito no campo, aí vão umas palavrinhas:

As batatas foram apanhadas há umas semanas atrás. E como o Pai do Céu quis foi como nós as apanhámos. Por isso graças Lhe sejam dadas.

Do milho e do feijão pouco temos já colhido. Por isso nada vos posso dizer.

A fruta este ano foi muito pouca. Só as uvas é que Deus no-las mandou com relativa quantidade. Só é pena é que algumas já se estejam a queimar.

RETIRO — Ao descanso do nosso corpo antecipeu-se o repouso da nossa alma. Todos os Gaiatos que tinham mais de 16 anos, nos quais me incluo apesar de os não ter, foram convidados para um retiro espiritual. Graças a Deus parece que todos aproveitaram um pouco.

PRAIA — Mais uma vez vamos passar as férias na célebre praia de Mira.

Neste turno cá se encontram os famosos que vendem o «Famoso».

É uma semana cheia. Longe das ocupações da nossa casa de Miranda, rir e folgar é a nossa vida. Que todos folguem afim de que depois possamos empreender mais uma etapa da nossa vida.

Caneco

TOJAL

TRABALHO — O nosso alvitre não foi, em nenhum aspecto, atendido. E é pena que assim tenha acontecido, porquanto o trabalho é a maior necessidade das nossas Casas. Nós não insistiríamos tanto se não fosse a preocupação constante que temos de manter em permanente laboração as nossas oficinas de Tipografia.

A propósito, informamos os nossos queridos leitores que estamos habilitados a executar trabalhos de maior responsabilidade.

Esperamos, portanto, as vossas encomendas, que serão recebidas com alegria por todos os nossos rapazes que anseiam por trabalho.

SELOS USADOS — Até à data em que escrevemos ainda nada foi recebido para a Campanha dos selos usados cujo produto de venda reverterá a favor da nova máquina da Tipografia. Entretanto informamos os nossos leitores que a correspondência destes últimos dias não tem sido aberta em virtude do Sr. P.e Zé Maria se encontrar ausente. Aqui reside, pois, um pouquinho de esperança. Pode ser que entre a correspondência haja alguns selos para a Campanha. Na próxima crónica daremos notícias.

ABELHAS — Manuel dos Santos andou atarefado durante vários dias a tratar da recolha do mel. Ele diz que se está a progredir na Apicultura. Esperamos que na verdade assim seja porque pão com mel é muitíssimo bom. Este ano tivemos a passar de 10 quilos de mel. Para o ano se Deus quiser, haverá mais. Isto não é pedir; mas nós aceitamos todos os utensílios apícolas que nos quiserem enviar.

CASA DA ERICEIRA — Embebedas Casas das Ericeiras que da praia podem contemplar a nossa Casa. É bonita a valer. Quando pudermos publicar uma fotografia dela, os nossos leitores verão como é bela e airosa a nossa Casa da Ericeira. Paredes, telhado, janelas, portas e alguns pavimentos, já

sas... Temos grande necessidade que ela se conclua para que os nossos rapazes se possam sentir felizes. Essa felicidade depende muito de vós. Esperamos.

AMIGOS — É sempre agradável termos necessidade de anotar nas nossas crónicas a amizade desinteressada dos nossos verdadeiros Amigos.

Assim, a Casa de Mateus Pardal continua a enviar-nos todas as semanas deliciosa carne, assim como a Senhora D. Susana de Algés que nos envia semanalmente o mesmo produto. A Senhora D. Noémia tem sido incansável e de vez em quando aparece em nossa Casa para nos oferecer apetitoso almoço. Na mesma linha, lembramo-nos da Senhora D. Helena igualmente muito nossa Amiga. Mas temos mais, graças a Deus.

Para todos o nosso reconhecimento.

Cândido Pereira

AZURARA

Maravilhosos dias aqueles!

Apenas o reboliço do primeiro dia e os pequenos aborrecimentos que uma cozinha proporciona, quebraram o ambiente alegre e sossegado da nossa Casa em Azurara.

Depois da tempestade vem a bonança! Foi o que aconteceu. Depois da casa em ordem (pois esteve fechada durante as outras estações) todos os batatas mai-lo Tóto foram até à praia. Depois de todos tomarem banho (alguns com o sol) e como as barrigas estivessem a dar horas, vieram para casa almoçar, onde os esperava um caldinho fumegante e um prato tipicamente Gaiato. Findo o almoço, todos os batatas tinham um sono reparador que lhes compensava os desgastes físicos cometidos nas diabruras dessa manhã. Depois do descanso merendavam e iam para a praia novamente. A grande ansiedade de ir para a praia não descansava os deveres domésticos, e por isso aqueles cujos nomes figuravam no «EDITAL» permaneciam em casa mais um pouco para varrer as camaratas, descascar batatas, lavar a loiça e fazer todos os trabalhos que uma casa exige.

Os dias seguintes foram sempre alegres e cheios de vida, nunca monótonos.

Maravilhosos dias aqueles! Bem hajas Tu, porque no-los proporcionastes.

Uf!!! vi-me grego para acabar.

Xico Bessa

BELÉM

COBRAS — Também por aqui aparecem desses bichos feios. Na semana passada apareceu uma num canteiro e as que andavam a varrer, à volta da casa, puseram-se a gritar: ai uma cobra, ai uma cobra...

A nossa Mãe mandou ir buscar paus e pedras para a matarmos, mas andava tudo a tremer e a gritar e parece que na quinta já nem havia paus nem pedras.

A nossa Madrinha começou a dizer: — Olá bichinha e a fazer-lhe festas como se fosse um passarinho! A cobra virou-se para ela com as goelas muito abertas e pronta a saltar, porque para os outros lados não podia fugir, que o canteiro está entre um banco de cimento e a parede da casa e a escadaria.

Nisto a nossa Mãe filou-a com o cabo duma vassoura, do alto da escadaria. Ela bem se torcia, mas estava bem segura. Os paus e as pedras é que não pareciam e a nossa Mãe clamava: — Isto é que é uma gente, estou livre duma penhora com esta gente!... Nisto chega a Ermelinda, que tem força de toiro e foi segurar o cabo da vassoura. A nossa Mãe lá foi ajudar a matar a cobra.

Madalena

BOLA — A senhora D. Fernanda com-

prou uma bola para nós jogarmos. Nós já sabemos muitos jogos de bola. Um jogo é a barra outro é o caçador e os coelhinhos e outros mais.

A bola às vezes vai para outro sítio e nós vamos buscá-la. Algumas meninas escorregam outras caem e às vezes até se magoam. Eu gosto muito de jogar à bola.

Leão também gosta de apanhar as bolas e quando as segura com as patas e o focinho, é um caso sério para as largar.

Em todos os domingos nós jogamos à bola e quase todos os dias nos recreios. Nós já tivemos muitas bolas, mas temo-las estragado. Vamos a ver se esta dura mais.

Sãozita

O LEÃO — Há menos de dois meses o SENHOR Simeão deu-nos um cachorro muito bonito. Ele não está cinco minutos sem começar a ladrar.

Tem tucido muito e tem de estar preso. Tudo lhe serve para brincar e as galinhas não param com ele.

Como é amarelo, da cor dos leões, passámos a chamar-lhe Leão. O nome está mesmo bem posto, porque não é dos mansos. Deixem-no crescer e verão.

Nam destes últimos domingos a nossa mãe deu-lhe um osso, mas como já estava farto, pega no osso e vai enterrá-lo num buraco que fez ao pé duma árvore.

Com medo que lho tirassem andava tinha medo e para diantese. Como ainda tinha medo que lho tirassem, enquanto ia para o outro lado, deitou-se a guardá-lo.

A tarde, quando nos calámos para começar o terço, ele também se pôe muito caladinho. Mas quando vê aparecer a nossa Mãe, põe-se lá de fora a ganir e a fazer umas lamúrias, para ela lhe ir fazer festas.

Cília

BEIRE

Amigos leitores: Mais uma vez escrevo para o Gaiato. Para vos contar certas notícias da nossa conferência cá de Beire. Digo-vos que é a mais necessitada de todas as Casas. Neste meio há mais pobreza. Não há assistência nenhuma e ai deles se não fosse o nosso carinho. Socorremos alguns, semanalmente, com géneros, mas nem só de pão vive o homem, falta-lhes também o carinho dos nossos leitores. Por isso temos escrito para o nosso Jornal e não temos sido atendidos. Eu sei que são muitos a pedir e estais farto de dar; mas olhai, que, quanto mais derdes, mais graças nos vem do Céu porque os Pobres todas as noites antes de deitar na cama todos rezam o terço mais o seus filhos pedindo ao Pai do Céu pelos nossos benfeitores. Por isso quando nos derdes dai-vos com generosidade porque um dia podeis contar com Deus no Juízo Final. Se fizeste hem, bem receberás; se fizeste mal receberás o castigo. Roupas, calçado, enfim, roupas de cama tudo agradeçamos. A pobre do Armando tem cinco filhos todos pequenos. Temos lá ido todas as semanas com géneros, mas ela queixou-se que precisava de roupa para seus filhos e queria que eles fossem à catequese. Mas não vão porque não têm calçado nem roupa. Se for descalço vem a Guarda e tem que pagar multa. Olhai, temos responsabilidade sobre este caso. A Senhora Valentina, que é só doente do coração e tem cataratas, não tem família e vive com bastantes dificuldades. Está numa casa que tem de pagar 370\$00 anuais. Dizei como lá-de pagar tal renda?

Agradeçamos tudo o que os nossos Amigos nos mandarem para os nossos Pobres. A direcção é de seguinte: Conferência do Santo Nome de Maria—Casa do Gaiato de Beire — Paredes.

Que Deus vos pague tudo.

António Henriques

